

Os 'hackers' e o Prodasen

FABIANO LANA

BRASÍLIA - Foi um ataque silencioso, de surpresa. Os *hackers*, na invisibilidade do mundo virtual, avançaram sobre as redes internas do Prodasen, o serviço de processamento de dados do Legislativo. Os funcionários nem tiveram tempo de assistir ao depoimento, no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, de Regina Borges, ex-diretora do departamento: estavam lutando para impedir os ataques de *hackers* - especialistas na quebra da segurança de redes de computador.

No momento em que o senador Antonio Carlos Magalhães respondia aos colegas, por exemplo, houve 12 ataques. Uma das máquinas congelou.

A "gincana" dos *hackers* deixou em pânico a direção do órgão. O atual diretor do Prodasen, Cleber Ferreira, nem pôde dar atenção a uma ligação do corregedor do Senado, Romeu Tuma, que estava na sessão do Conselho de Ética. "Quando telefonei, ele mal conseguia falar comigo, estava muito preocupado", contou o senador. Para complicar, o número de pessoas que acessam o sítio do Senado durante os depoimentos cresce muito, sobre-carregando o sistema.

Nenhuma das tentativas de invasão teve sucesso. Mas os técnicos estão tentando manter o assunto em sigilo. Se divulgam que o sistema é muito seguro, o apetite dos *hackers* aumentará. Se for considerado frágil, até amadores tentarão dar o bote.

Houve dois tipo de ataque. Um, menos especializado, tentou invadir as páginas do Prodasen na internet. Outros, mais ousados, tentaram entrar nas redes internas do órgão, que guardam informações como pagamentos, processos ou tramitação de leis.

No caso das redes internas, o Prodasen sofreu tentativa de invasão dos chamados *crackers*, *hackers* vândalos que objetivam destruir sistemas. Um dos ataques partiu de Atlanta, Estados Unidos.

Nos últimos meses, invadir sistemas do governo se tornou um dos passatempos preferidos dos *hackers*. Foram vítimas as páginas do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal: um grupo autodenominado "Resistência" inseriu nas homepages ofensas ao presidente Fernando Henrique. O Ministério da Cultura foi invadido há um ano. Um *hacker* de origem árabe inseriu mensagem convocando brasileiros a não comprar produtos austríacos.